

<http://dx.doi.org/10.26694/pensando.v15i36.5512>

Licenciado sob uma Licença Creative Commons

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0>



A IMORTALIDADE NARRATIVA EM HANNAH ARENDT: UMA FENOMENOLOGIA DA NARRATIVIDADE

Narrative immortality in Hannah Arendt: a phenomenology of narrativity

Luiz Paulo Matias
PPGED/UFSC
Élsio José Corá
UFFS

Resumo: O objetivo deste trabalho é guiado pelo exercício narrativo que, por meio das *estórias* reveladas, torna imortal a instantaneidade momentânea da ação. Dessa forma, refletir sobre a imortalidade fenomenológica da narrativa é considerar um fluxo contínuo que se desdobra entre os fragmentos das *estórias* singulares na pluralidade do mundo, onde os discursos expressam a aparência que desaparece pela morte e recomeça a cada nascimento. Nesse sentido, esta pesquisa é motivada pelas *estórias* em sua exemplaridade, as quais, ao serem contadas e recontadas, têm a capacidade de suportar todas as tristezas sem negar o ultrajante, e buscar, assim, compreendê-las, percorrendo o caminho simultâneo dos começos em sua força dimensional da narrativa como recurso ético da ação, bem como da ação à narrativa, procurando alcançar aquilo que chamamos de expressão fenomenológica da narrat[iv]idade.

Palavras-chave: Fenomenologia, Discurso, Narratividade, Hannah Arendt.

Abstract: The aim of this work is guided by the narrative exercise which, through the stories revealed, makes the momentary instantaneity of action immortal. In this way, to reflect on the phenomenological immortality of narrative is to consider a continuous flow that unfolds between the fragments of singular stories in the plurality of the world, where discourses express the appearance that disappears through death and begins again with each birth. In this sense, this research is motivated by stories in their exemplarity, which, when told and retold, have the capacity to bear all the sorrows without denying the outrageous, and thus seek to understand them, traveling the simultaneous path of beginnings in their dimensional force of narrative as an ethical resource of action, as well as from action to narrative, seeking to achieve what we call the phenomenological expression of narrativity.

Keywords: Phenomenology, Discourse, Narrativity, Hannah Arendt.

1 NARRATIVA

1.1 Narrar as estórias que estão no mundo

Hannah Arendt (2020, p. 217), na obra "A Condição Humana", em particular no capítulo "Ação", destaca a seguinte epígrafe: "Todas as mágoas são suportáveis se as colocamos em uma *estória* [story] ou contamos uma *estória* sobre elas". Ao utilizar essa epígrafe em tal capítulo, Arendt já vincula a narrativa com a ação. As *estórias* singulares permitem o exercício contínuo da compreensão, cedendo a possibilidade de buscar os elementos que, mesmo não constituídos por uma teoria narrativa desenvolvida pela filósofa, se desenvolvem em um movimento simultâneo da narrativa à ação, bem como da

própria ação à narrativa, inseparavelmente, em uma narr[a]tividade. Usaremos aqui narr[a]tividade como a junção dos termos propostos “narrar + atividade” como o caminho/meio/ponte da narrativa à ação.

A cada nascimento, os recém-chegados trazem consigo a capacidade de iniciar novos começos e, ao se revelarem no espaço político, novas *estórias* podem ser contadas e tornadas permanentes para que sirvam, mesmo que imprevisivelmente, de referência reflexiva para a ação. Em outras palavras, na medida em que agem, novas *estórias*, como possibilidade, são lançadas na trama das relações humanas.

E, na medida em que cada recém-chegado age e fala na presença de outros, não só surge um espaço público e político entre eles, mas também cada um revela “quem” realmente é, ou seja, aparece em sua singularidade única. Esse aparecimento não perdura muito tempo, a não ser que alguém conte uma *estória* sobre “quem” foi ou é aquele que apareceu na cena política, por meio de atos e palavras. (MORELLO; CORÁ, 2018, p.83).

Ao considerarmos esse aspecto, torna-se evidente que o ato de contar *estórias* desempenha um papel fundamental na preservação e na transmissão do significado das ações. Enquanto as ações em si tendem a ser momentâneas e efêmeras, sujeitas à passagem do tempo e à sua própria natureza transitória, as narrativas que as envolvem conferem-lhes uma forma de permanência. Através das *estórias*, os eventos que de outra forma seriam esquecidos ou perdidos na correnteza do tempo são resgatados e mantidos vivos na memória coletiva.

Através das *estórias*, as ações são contextualizadas e dotadas de significado. Elas se tornam mais do que simples eventos isolados, adquirindo uma dimensão simbólica que as conecta a valores, crenças e experiências compartilhadas. Essa conexão com o contexto mais amplo permite que as ações transcendam seu momento singular e sejam vistas como parte de uma narrativa mais ampla. Em virtude disso, contar *estórias* se torna o recurso que confere permanência à ação, que é momentânea e efêmera, pois, caso contrário, a ação perderia sua característica mais potente: a liberdade. “Ser livre, para os antigos, significava o estado do homem capaz de se mover, de afastar-se da proteção da vida doméstica e ingressar em um mundo no qual estabelecia contato com seus iguais, por meio de palavra e da ação.” (JARDIM, 2011, p. 90).

O conceito de liberdade conforme compreendido pelos antigos, destacando-o como um estado que vai além da mera ausência de restrições externas. Ser livre, para eles, significava possuir a capacidade de se mover, tanto física quanto socialmente. Não se tratava apenas da liberdade de locomoção, mas também da liberdade de se distanciar do ambiente protegido e familiar da vida doméstica.

Ao se afastar desse ambiente seguro, o indivíduo entrava em contato com seus iguais, estabelecendo relações através da palavra e da ação. Essa interação social era fundamental para a experiência de liberdade, pois permitia a expressão de ideias, o compartilhamento de experiências e a participação ativa na vida coletiva.

Assim, a liberdade, para os antigos, não se limitava a uma condição solitária, mas era vivenciada plenamente na esfera social, onde os indivíduos podiam exercer sua autonomia, dialogar com seus pares e contribuir para a construção de uma comunidade mais ampla. Nesse contexto, a liberdade não era apenas um direito individual, mas também uma responsabilidade compartilhada, que exigia o engajamento ativo na vida pública e o respeito pelas liberdades dos outros. Com efeito, a constituição da narrativa ocorre

a maneira original de contar uma história. O significado de tais histórias é diferente dos significados grandiosos de que fala o historiador; não é um padrão e portanto, dificilmente pode ser capturado em uma frase. Pensamos aqui em uma história de vida, uma biografia. Do que um homem poderia ou iria contar quando

contasse sua história, e como ele destilaria, por assim dizer, sua essência. (ARENDRT *apud* LAFER, 2007, p. 294, tradução nossa)¹.

Isso posto, diante dos momentos de crise do século XX, em especial o totalitarismo como fenômeno nunca presenciado na *estória*, configurado na eliminação de toda a singularidade capaz de promover a novidade, a narrativa (LAFER, 2007) se torna o meio pelo qual as *estórias* de vida destiladas na pluralidade se tornam imortais, aproximando a vivência das experiências singulares na sua essência e compondo, deste modo, como destaca Lafer (2007), a experiência da própria teoria política arendtiana.

Na iminência dos poderes totalitários, a memória deve ser preservada em *estórias* capazes de compreender, sem resultados previsíveis e, de certo modo, evitar que a exemplaridade de Eichmann e o mal banal, dadas as condições de reflexão que a narrativa promove, voltem a se repetir. Assim, por exemplo, contar a *estória* de Eichmann é, também, preservar a memória daquilo que, ao menos, busca-se evitar. “Nesse sentido, Arendt sempre atribuiu grande importância à narrativa e à experiência como meio de alcançar essa compreensão” (LAFER, 2007, p. 289).

Por meio da narratividade, os exemplos e a ação política são revelados, contados, seja pela ficção ou biografia ou pela própria história. Por outro lado, para Arendt, a narrativa não só revelaria os exemplos, como também possibilitaria vivenciar experiências, experiências estas que seriam a base para a própria faculdade de pensar. (RÜSCHE; MASCARO, 2015, p. 73).

Os seres humanos criam, assim, suas narrativas em textos, artigos, livros, tratados e monumentos, por exemplo, que permitem um repensar pelas experiências singulares que se tornam *estórias* na trama das contínuas relações humanas, pois liberdade e espontaneidade estão interligadas, já que a singularidade dos novos começos traz “a capacidade do homem de iniciar algo novo com os seus próprios recursos” (ARENDRT, 2012, p. 603). A narrativa reifica, de certo modo, a essência viva do ator que “se moveu no mundo e como afetou (ou foi afetado) pela ação e pelo discurso” (CRIVORNCICA, 2017, p. 21). Assim, nessa

“[...] teia de relações humanas’ preexistente, cada recém-chegado se insere como um novo começo entre outros começos, e entre os começos surgem, como um fenômeno espontâneo e libertador, as histórias (stories) de vida entre a pluralidade de outras histórias” (MORELLO, 2021, p. 43, grifo do autor).

A ação, como mencionado, é a condição fundamental que permite aos seres humanos se inserirem no mundo. Ela representa a capacidade de agir, de tomar decisões, de realizar atividades e de interagir com o ambiente ao redor. Através da ação, os indivíduos moldam seu destino, influenciam seu entorno e constroem suas identidades. É por meio da ação que os seres humanos se tornam agentes ativos na criação e transformação do mundo.

Por outro lado, a *estória* (ou história) é apresentada como uma categoria que identifica a singularidade e a essência singular de cada indivíduo. Enquanto a ação se refere às atividades concretas realizadas pelos seres humanos, a *estória* vai além, capturando a dimensão subjetiva e narrativa da experiência humana. Cada pessoa possui uma *estória* única, repleta de eventos, emoções, memórias e significados que contribuem para sua identidade e compreensão de si mesma e do mundo.

A *estória* é o meio pelo qual as pessoas dão sentido às suas experiências, organizam suas vivências e constroem narrativas pessoais. Ela reflete não apenas o que

¹ “the original way of telling a story. The meaning of such stories is different from the grandiose meanings of which the historian speaks; it is not a pattern and hence can hardly be caught in one sentence. We think here of a *lifestory*, a *biography*. Of what a man could or would tell when he were to tell his story, and how he would distill, as it were, its essence”. (ARENDRT *apud* LAFER, 2007, p. 294.)

foi feito, mas também o que foi sentido, pensado e vivenciado ao longo do tempo. É através da *estória* que as pessoas compartilham suas visões de mundo, suas crenças, seus valores e suas aspirações.

Assim, enquanto a ação é o motor que impulsiona a vida humana para frente, a *estória* é a lente através da qual essa vida é interpretada e compreendida. Ela permite que os indivíduos se reconheçam como seres únicos e irrepetíveis, ao mesmo tempo em que se conectam com os outros através das narrativas compartilhadas.

A ação muda deixaria de ser ação, pois não haveria mais um ator; e o ator, realizador de feitos, só é possível se for, ao mesmo tempo, o pronunciador de palavras. Ação que ele inicia é humanamente revelada pela palavra e, embora seu ato possa ser percebido em seu aparecimento físico bruto, sem acompanhamento verbal, só se torna relevante por meio da palavra falada na qual ele se identifica como o ator, anuncia o que faz, fez e pretende fazer (ARENDR, 2020, p. 223).

Por meio das *estórias* contadas e recontadas, permite-se, deste modo, ouvir a voz dos atores que compõem a teia das relações humanas. Ou seja, a palavra falada se converte em sua dimensão discursiva e reveladora, sem ser ainda, necessariamente, narrativa. Com efeito, a partir disso, enquanto no discurso a ação somente revela o *quem* entre os outros e, como característica própria da ação, desaparece ao fim da cena, a narrativa confere imortalidade às *estórias*, por meio da teia das relações humanas, fragmentadas e inter-relacionadas em *estórias* reificadas e imortalizadas em textos, cartas, biografias, romances, monumentos ou poesias, por exemplo.

Construir narrativas, ao modo teórico e político de Arendt, permite, de maneira mais fiel, alcançar os eventos por meio de quem vivenciou e vivencia as experiências (LAFER, 2007, p. 295). Deste modo, Lafer (2007) destaca, ao fazer referências às aulas ministradas por Arendt, que na própria “bibliografia do curso incluía, como era usual na sua obra e em especial em ‘Origens do Totalitarismo’, além de romances, poesias, autobiografias, biografias, textos de cartas, transcrições de processos” (LAFER, 2007, p. 295), permitindo assim, para o mesmo autor (2007, p. 295), “o mergulho do pescador de pérolas que busca extrair das profundezas e trazer para a superfície o contorno das cristalizações que instigam o pensamento”. Desta forma, como esclarecem Rüsche e Mascaro (2015, p. 73),

No momento reflexivo, os participantes [do curso de Cornell] tiveram contato com materiais representativos de situações violentas ou “de crise”, por meio da leitura e debate de textos literários de autores como Margaret Atwood, Paul Celan, Marguerite Duras, William Gibson e George Orwell, entre outros, assim como trechos de filmes e trabalhos artísticos, além de um material teórico de Hannah Arendt, Jacques Derrida e Celso Lafer, com o qual se pretendia abrir diálogo com os textos literários propostos sem, contudo, fornecer uma explicação conclusiva ou final. (RÜSCHE; MASCARO, 2015, p. 73, grifo nosso).

Com isso, se por palavras e atos os seres humanos são inseridos e revelados ao mundo, a narrativa constituída de textos diversos e plurais, monumentos, cartas, documentos, nos mais variados gêneros em sua amplitude, impele quem lê e ouve à busca da compreensão em seu sentido mais profundo, imprevisível e imortal. Sem fornecer uma elucidação irrefutável, a narrativa traz, em suas mais diversas formas manifestas, a conexão de elementos que parecem não ter nenhuma relação, mas que, no momento em que se inter-relacionam, trazem à superfície aquilo que estava escondido. E, por trazerem a essência singular das ações, convidam seus novos agentes/espectadores a pensarem e repensarem sob a perspectiva do outro, como nos esclarece a autora, ao fazer referência à narrativa como um exercício de educação grega.

A organização da pólis, que garante o espaço público no qual a grandeza pode surgir e ser comunicada, e no qual a presença constante de pessoas que veem e são

vistas, que falam, ouvem e podem ser ouvidas, assegura uma memória permanente? Ou seriam os poetas e artistas – e, de forma geral, as atividades criadoras e produtoras de mundo, que obviamente fornecem uma garantia consideravelmente maior de fama do que a ação e a organização política, uma vez que consistem nesse tornar permanente e imperecível aquilo que pertence, por natureza, ao que há de mais perecível e efêmero? Foi a poesia que ensinou aos gregos, cujo educador foi Homero, o que era a fama e do que ela era capaz. E mesmo que a poesia, juntamente com a música, possa ser a arte menos atrelada ao material, ainda assim ela é uma forma de produção e alcança um tipo de objetificação sem o qual a permanência e, ainda menos, a perenidade seriam inconcebíveis. (ARENDDT, 2021, p. 222).

Se a tradição filosófica, pelo desejo de se afastar do mundo, inclinou suas reflexões à *vita contemplativa* em oposição à *vita activa*, a Modernidade e o evento totalitário suprimiram toda espontaneidade, anulando a pluralidade, torna-se a narrativa, como Arendt propõe em seu modo narracional, um convite que transporta seus ouvintes (RÜSCHE; MASCARO, 2015, p. 76) – atores e narradores de seu tempo – a uma imaginação capaz de estabelecer conexões e relações vivenciais mais profundas que a mera descrição historiográfica de um evento histórico.

1.1.1 A pluralidade narrativa: o que e para quem contamos estórias?

A sensível inclinação de Arendt para as literaturas, bem como “na sua garimpagem de criações literárias voltada para a elaboração da biografia imaginária” (LAFER, 2007, p. 297), permite, pela escolha dos textos, a reprodução imaginativa da realidade apreendida em sua pluralidade. Assim, a narrativa, para Arendt, perpassa os registros e traz a pluralidade das vivências como “mediação da imaginação criativa” (LAFER, 2007, p. 297). Tal mediação é imaginativamente criativa, pois permite retomar aquilo que, pela ação, como revelação momentânea, torna presente o que ficou ausente. “O fato de que um homem é capaz de agir significa que se pode esperar dele o inesperado, que ele é capaz de realizar o infinitamente improvável”. (ARENDDT, 2020, p. 220). A exemplo disso, em *Homens em tempos sombrios*, a pensadora reflete com Walter Benjamin busca alcançar uma paz – mesmo que por uma paz *desculpada de complacência* – capaz de “descobrir novas formas de tratar o passado” (ARENDDT, 2008, p. 208) pelo uso dos fragmentos das vivências pessoais em suas exemplaridades.

E esse pensar, alimentado pelo presente, trabalha com os “fragmentos do pensamento” que consegue extorquir do passado e reunir sobre si. Como um pescador de pérolas que desce ao fundo do mar, não para escavá-lo e trazê-lo à luz, mas para extrair o rico e o estranho, as pérolas e o coral das profundezas, e trazê-los à superfície, esse pensar sonda as profundezas do passado – mas não para ressuscitá-lo tal como era e contribuir para a renovação de eras extintas. O que guia esse pensar é a convicção de que, embora o vivo esteja sujeito à ruína do tempo, o processo de decadência é ao mesmo tempo um processo de cristalização, que nas profundezas do mar, onde afunda e se dissolve aquilo que outrora era vivo, algumas coisas “sofrem uma transformação marinha” e sobrevivem em novas formas e contornos cristalizados que se mantêm imunes aos elementos, como se apenas esperassem o pescador de pérolas que um dia descerá até elas e as trará ao mundo dos vivos – como “fragmentos do pensamento”, como algo “rico e estranho” e talvez mesmo como um perene *Urphänomene*². (ARENDDT, 2008, p. 222).

A superfluidade da era moderna e do mundo moderno, tema recorrente aos pensadores que presenciaram e refletiram sobre “os tempos sombrios”, faz do modo arendtiano um exercício narrativo. Por meio da mediação de textos, documentos, imagens,

² Em uma tradução livre de *Urphänomene*, como “fenômenos primordiais”.

poemas selecionados é possível abrir caminhos ao significado das experiências, dado o exercício do pensamento capaz de rememorar, como um “pescador de pérolas” que traz à superfície aquilo que fora cristalizado. As vivências se tornam, deste modo, objetos vivos das narrativas pelo fenômeno da própria e singular existência que se entrelaça na pluralidade das tramas humanas.

Com isso, narrar a singular *estória* de vida de alguém é estabelecer uma biografia (*bios*) por meio da qual se pode saber *quem* alguém realmente é ou foi e não simplesmente o que é ou foi. Contar *estórias* nunca é antes nem durante a ação, senão sempre ao seu término. Em outros termos, somente quando o discurso e a ação cessaram, ou em termos metafóricos, quando no teatro do mundo os atores da peça saíram de cena, torna possível contar *estórias* retrospectivamente. Nesse sentido, ao contar *estórias* da singular vida de alguém, a intangibilidade de sua manifestação ganha certa estabilidade e permanência maior no mundo, que a breve duração da ação e o intervalo da vida entre o nascimento e a morte. (MORELLO, 2021, p. 43 - 44).

Trata-se, deste modo, “[...] de uma atividade interminável, por meio da qual, em constante mudança e variação, aprendemos a lidar com nossa realidade, reconciliamo-nos com ela [...]” (ARENDRT, 1993, p. 39) e, deste modo, nos sentimos em casa neste mundo comum e político, uma vez que “tudo que acontece nesse espaço de aparecimento é político por definição, mesmo quando não é um produto direto da ação” (ARENDRT, 2011, p. 201).

Por esse viés, as experiências singulares, na medida em que reconciliam os que compartilham o mundo comum, necessitam se tornar vivas e permanecerem imortais pelas narrativas. Os fenômenos individuais que se apresentam na pluralidade se immortalizam no que pode ser contado, tangível ao pensamento de quem ouve, conta e reconta o que está e deve permanecer no tempo, mesmo diante da inconstância dos movimentos. Ou seja, “os homens sempre souberam que aquele que age nunca sabe completamente o que está fazendo; que sempre vem a ser ‘culpado’ de consequências que jamais pretendeu ou previu”. (ARENDRT, 2020, p. 289).

Diversamente da aniquilação da ação e do discurso nos regimes totalitários, nos quais a “espontaneidade que os movimentos totalitários buscam eliminar a qualquer custo, pois ela é a única que ameaça o movimento” (MORELLO, 2021 p. 73), a narr[ati]vidade é a condição que permite trazer as *estórias* na forma de letra viva. Ou seja, tornar duráveis as *estórias* que foram mortas e sufocadas pelo terror (LAFER, 2007). Não obstante, a narra[ati]vidade é, em sua dimensão, a permanência das *estórias* que fornece a cada nascimento a possibilidade de não deixar morrer aquilo que não se deve deixar esquecer. Com efeito,

[...] esta reificação e materialização, sem a qual nenhum pensamento pode tornar-se uma coisa tangível, ocorre sempre a um preço, e que o preço é a própria vida: é sempre na “letra morta” que o “espírito vivo” deve sobreviver, uma morte da qual ele só pode ser resgatado quando a letra morta entra novamente em contato com uma vida disposta a ressuscitá-lo, ainda que esta ressurreição dos mortos tenha em comum com todas as coisas vivas o fato de que ela também tornará a morrer. (ARENDRT, 2020, p. 210).

Igualmente, a função da narrativa é ressuscitar a “letra morta” cristalizada, o espírito vivo que se revela a cada ação. Arendt (2020), neste sentido, em sua obra *A condição humana*, ilumina a intimidade com a memória viva que permite o poema, ou os textos em sua amplitude literária, como composições duráveis da narrativa, capaz de tirar do mundo das sombras o que fora abafado. Desta forma, cedendo durabilidade além das páginas escritas e impressas, a narrativa em sua “memorabilidade” inevitavelmente determinará [...] a possibilidade de ficar permanentemente fixado na lembrança da humanidade”. (ARENDRT, 2020, p. 211).

No entanto, mesmo um poema, não importa quanto tempo tenha existido como viva palavra falada na lembrança do bardo e dos que o escutaram, será finalmente “feito”, isto é, escrito e transformado em coisa tangível entre coisas; pois a recordação e o dom da lembrança, dos quais provém todo desejo de imperecibilidade, necessitam de coisas que os façam rememorar, para que eles próprios não venham a perecer. (ARENDR, 2020, p. 211).

A escrita, como indicado, é a materialização das singularidades pela narrativa transformada em reificação tangível, com durabilidade memorável. É a condição necessária e não perece das que, ao contar *estórias*, se fazem recordar. (ARENDR, 2020). Assim, a exemplo, narrar a *estória*, é torná-la imortal, entre fragmentos tornados permanentes que permitem, nas mais variadas conexões, compreender a essência da singularidade de atores revelados no discurso de um determinado tempo. Essa transmissão permanece entre as gerações, converte-se em “um ‘acorde fundamental’, que ressoa em infindáveis modulações, através de toda a *estória* do pensamento ocidental”. (ARENDR, 2011, p. 44).

Estórias estas que devem ser contadas e recontadas para que a memória se faça recordar, em detrimento da perenidade das propagandas que, pelo regime totalitário, se consomem como “necessárias” a serviço do terror em suas “fábricas de morte”. Pela ideologização das massas, era mister aniquilar, também, a compreensão individual, subjetiva e criativa de fazer do mundo um lar, renovado pela liberdade individual, sem a possibilidade de outras *estórias* virem a ser contadas. Nesta mesma relação compreensiva,

O totalitarismo a levou a se tornar uma contadora de histórias (*storyteller*). Vale dizer, ao tentar escrever sobre a experiência totalitária, Arendt se viu diante de um “problema epistemológico”, pois essa experiência não podia ser explicada, não se enquadrava nos conceitos tradicionais, não podia ser entendida como culminação de um processo, como desenvolvimento de uma única causa encontrável no passado. Não era o passado que poderia iluminar e explicar o seu aparecimento. Não se tratava de uma evolução, de algo que podia ser deduzido de uma causa antecedente. A saída que Arendt encontrou foi narrar a experiência. (AGUIAR, 2021, p. 05).

Essa experiência narracional é a condição de tornar o “[...] mundo de coisas feito pelo homem, [...] um lar para os homens mortais [...]” (ARENDR, 2020, p. 216), na medida em que transcende a mera funcionalidade das coisas produzidas, bem como a mera utilidade dos objetos produzidos para o consumo. De tal modo, e a exemplo, “a durabilidade das obras de arte é de uma ordem superior àquela de que todas as coisas precisam para existir; elas podem alcançar a permanência através das eras”. (ARENDR, 2020, p. 208). Não se refere aqui aos produtos humanos que servem apenas para o consumo e manutenção de sua vivência biológica. Não se acena à imortalidade da alma ou da vida, mas à arte, como uma expressão adquirida pela criação de mãos mortais, tornando a narrativa da arte, e sua imortalidade, tangível.

A “realização de grandes feitos e o pronunciamento de grandes palavras” não deixarão qualquer vestígio, qualquer produto que possa perdurar depois que passa o momento da ação e da palavra falada. Se o *animal laborans* necessita da ajuda do *homo faber* para facilitar seu trabalho e remover sua dor, e se os mortais necessitam de sua ajuda [do *homo faber*] para edificar um lar sobre a terra, os homens que agem e falam necessitam da ajuda do *homo faber* em sua capacidade suprema, isto é, da ajuda do artista, dos poetas e historiadores, dos construtores de monumentos ou escritores, porque sem eles o único produto da atividade dos homens, a *estórias* encenam e contam, de modo algum sobreviveria. (ARENDR, 2020, p. 216).

Essa condição, além da “mera funcionalidade” e “utilidade” da materialização das *estórias* em um fenômeno que se dá posterior à ação, é “diferente das múltiplas

atividades de fabricação por meio das quais o próprio mundo e todas as coisas nele são produzidos” (ARENDR, 2020, p. 216), onde os textos, os artigos, os monumentos, as obras de arte, os filmes, ou seja, as *estórias* materializadas em sua imortalidade, se constituem em uma estrutura narrativa. Entende-se estrutura não como um conceito fechado em sua dimensão, mas como instrumento narrativo das *estórias* que preservam a vivência³ que, pela singularidade, encena o mundo comum. Deste modo, as *estória* encenam e contam aquilo que deve tornar-se permanente e, ao apresentarem-se imortais, na forma especial de *Andanken*⁴, convertem-se em um recurso que oferece elementos plurais ao pensamento que deseja compreender.

Para Arendt, a experiência política só pode ser mencionada se for lembrada e comunicada porque só assim o significado pode emergir. Lembrando e comunicando, esta forma especial de *Andanken* que está olhando para trás, bem como um nascimento de algo novo, está no cerne da narrativa. As histórias relembram experiências e dão origem ao pensamento (LAFER, 2017, p. 290, grifo do autor, tradução nossa).

Ou seja, não “precisamos escolher aqui entre Platão e Protágoras, ou decidir se o homem ou um deus deve ser a medida de todas as coisas” (ARENDR, 2020, p. 216). O que há é a necessidade materializada da voz viva das *estórias* tornadas narrativas que, em sua permanência ou imortalidade, possam ser contadas e recontadas para que a memória se torne um exercício do pensamento, capaz de opor-se à nulidade da ação, para, assim, ao serem narradas, não se reduzirem, apenas, à superação da atividade laborativa/biológica, de um lado, nem à instrumentalização dessas *estórias*, do outro (ARENDR, 2020). A narrativa se expressa nas *estórias* contadas e reveladas pelo discurso e pela ação e, deste modo, se mantém na permanente narra[a]tividade das trama das relações humanas.

1.1.2 Em busca de uma dimensão narrativa

Na ausência de autores, os heróis⁵ revelados na ação agem e trazem consigo a possibilidade de novas *estórias*. Tornam-se, no momento em que agem em concerto, a criação viva da própria narra[a]tividade. “Não obstante, a vida singular de alguém, a sua ‘essência viva’ não pode solidificar-se em palavras, em uma narrativa definitivamente.” (MORELLO, 2021, p. 44). Nesse sentido, como destaca Arendt (2020, p. 227), é impossível solidificar em palavras a “essência viva da pessoa”, uma vez que tal essência se exhibe no andamento das ações e dos discursos humanos. “O fato é que a manifestação do ‘quem’ ocorre da mesma forma que as manifestações, notoriamente duvidosas, dos antigos oráculos que segundo Heráclito ‘não revelam nem escondem com palavras apenas sinalizam’”. (ARENDR, 2020, p. 225, grifos da autora).

Ainda, para a mesma autora,

Embora todos comecem a própria vida inserindo-se no mundo humano por meio da ação e do discurso, ninguém é autor ou produtor de sua própria *estória* de vida. Em outras palavras, as *estórias*, resultados da ação e do discurso, revelam um agente, mas esse agente não é autor nem produtor. Alguém as iniciou e delas é o sujeito, na dupla acepção da palavra, seu ator e seu paciente, mas ninguém é seu autor. (ARENDR, 2020, p. 230).

³ For Arendt, political experience can only be mentioned if it is remembered and communicated because only in this way can meaning emerge. Remembering and communicating, this special form of *Andanken* that is looking back as well as a birth of something new, is at the core of storytelling. Stories recall experience and give birth to thought. (LAFER, 2017, p. 290, grifo do autor, tradução nossa).

⁴ *Andanken* será compreendido como memória, lembrança, recordação, mas também como *souvenir* – uma espécie de elementos capazes de guardarem no tempo a imortalidade das *estórias* como uma herança, um testamento.

⁵ Herói é compreendido como todo ser humano livre que dele se pode contar uma *estória*. Ou seja, para Homero, segundo Arendt descreve, herói é todo aquele homem livre que tenha participado da guerra de Tróia e dele uma *estória* possa ser contada, não necessitando ter qualidade heroicas.

Essa ausência de autor/produtor situa os atores na grande trama das relações humanas no duplo movimento onde, sendo as *estórias* resultado da ação, transmuda-se a narrativa na permanência daquilo que um dia foi iniciado e, como atores – que iniciam o novo, são pacientes de outras *estórias* guardadas na imortalidade narracional. Assim, se pode dizer que “a natalidade enquanto a vi(n)da de novos começos que são capazes de começar algo novo no mundo, adquire certa permanência e sentido na medida em que ‘produz’ *estórias* que podem ser contadas e recontadas” (MORELLO, 2021, p. 44).

Sem a ação para inserir no jogo do mundo o novo começo de que cada homem é capaz por haver nascido, “não há nada que seja novo debaixo do sol”; sem o discurso para materializar e memorar, ainda que tentativamente, as coisas novas que aparecem e resplandecem, “não há recordação”; sem a permanência duradoura de um artefato humano, não poderá “restar com os vindouros uma recordação das coisas que estão por vir”. (ARENDR, 2020, p. 253, grifos da autora).

Contar *estórias* é tornar permanente a ação que se revela momentaneamente. No momento em que a realidade se separa do pensamento “contar ‘histórias’ (*stories*) é o meio mais apropriado de remeter-nos à realidade que os nossos conceitos abstratos não são mais adequados para penetrar e iluminar”. (AGUIAR, 2021, p. 216). Essa dificuldade de acesso ao passado, seja pela tradição filosófica de afastamento do mundo ou do terror instaurado e anulador dos regimes totalitários, “[...] acentua as feições de uma situação cuja saída para a reflexão é alinhar-se à narrativa”. (AGUIAR, 2021, p. 216).

Na obra de Hannah Arendt, regra geral, a experiência e a *estória* que instigam o pensamento estão subjacentes e mencionadas apenas ocasionalmente, como ela mesma diz no prefácio a *Entre o passado e o futuro* [...] também cabe lembrar que, se gostava de contar *estórias*, como aponta Elizabeth Young-Bruehl (e elaborou os perfis recolhidos em *Homens em tempos sombrios*, ela só escreveu uma biografia, a de Rahel Varnhagen. Os cursos universitários que proferiu seguem a mesma linha de sua obra na qual a experiência e a *estória* que dela resultou estão subjacentes ao pensamento teórico que ensinaram.” (LAFER, 2007, p. 290).

Com isso, a narrativa é possibilidade imortal, durável do mundo comum; construída pelas experiências de cada novo nascimento, que permite acessar o passado, construir o presente e manter-se como ator que age, na continuidade das *estórias* que se renovam e se constituem como elemento que promovem o novo, e de novo, novas *estórias*.

Assim, o fenômeno da narr[at]ividade se apresenta como uma trama de relações que ocorrem como um drama teatral em que, como esclarece Arendt (2020), a encenação se configura pela materialização da palavra encenada pelos atores, ao mesmo tempo em que estes dão vida à palavra de outros atores.

Esse elemento de imitação, porém, está presente não apenas na arte do ator, mas também, como alega corretamente Aristóteles, no feitura ou na escrita da peça, pelo menos na medida em que a peça teatral só adquire plena existência ao ser encenada no teatro. Só os atores e oradores que reencenam o enredo da *estória* podem comunicar o significado total, não tanto da história mesma, mas dos “heróis” que se revelam nele. Nos termos de tragédia grega, isto quer dizer que tanto o significado direto como o significado universal da *estória* são revelados pelo coro, que não imita e cujos comentários são pura poesia, ao passo que as identidades intangíveis dos agentes na *estória*, por escaparem a toda generalização e, a toda reificação, só podem ser comunicadas por meio da imitação de seu agir. Essa é também a razão pela qual o teatro é a arte política por excelência; somente no teatro a esfera política da vida humana é transposta para a arte. Pelo mesmo motivo, é a única arte cujo assunto é, exclusivamente, o homem em suas relações com os outros homens. (ARENDR, 2020, p. 232 - 233).

A metáfora do coro, indicada por Arendt (2020), permite abarcar não um narrador todo-poderoso que manipula a realidade por detrás da cena, mas uma dimensão narrativa que se estabelece da narrativa à ação, bem como da ação à narrativa, onde quem escreve descreve sobre uma ação e quem age recorre à narrativa para se estabelecer no mundo plural. Do mesmo modo, como vida contínua de momentos transitórios, revelada pela ação e pelo discurso, o “coro” que vive e “não imita”, recorre às narrativas constituídas pelas *estórias* reveladas e reveladoras, manifestada na trama das relações humanas. Os textos, os documentos, as obras de arte, os poemas, os monumentos, ou as ficções, por exemplo, aproximam, mesmo não apresentado aparentemente qualquer conexão, o fenômeno da realidade que se quer alcançar quando os fios que ligam o passado foram rompidos e não voltam a se reconstituir.

2 Narr[a]tividade: Narrar para agir.

Na possibilidade de se alcançar a “mentalidade alargada”, termo que Arendt (1906-1975) resgata de Kant, narrar se torna o elemento político capaz de fazer com que os seres humanos possam *sair em visita*, ao encontro das experiências singulares que compõem a pluralidade humana⁶. Com efeito, enquanto o discurso revela o ator da ação, a narrativa traz à memória a particularidade dos momentos e oferece a estes a característica da imortalidade. Ou seja, pela narr[a]tividade os novos começos se tornam capazes de alcançar, pelas experiências singulares, o perfil de um evento que se pretende compreender.

Hannah Arendt, na sequência das suas notas, aponta os desafios para se alcançar a mentalidade alargada [...] que no mundo contemporâneo transcende as fronteiras nacionais, o que sempre foi, diz ela, uma experiência para o juízo em matéria de política externa. É por conta disso que a instigante narratividade da biografia imaginária [...] tem a característica dos signos em rotação de uma “obra aberta”, na qual ela se empenha em encontrar o perfil do século XX na dispersão dos seus fragmentos. (LAFER, 2007, p. 300 - 301).

Os fragmentos constituem o “perfil aberto” de um tempo que, materializados na narrativa, fazem com que de um lado, como referência sobre *Diários* de Kafka, “[...] a pessoa que não consegue enfrentar a vida sempre precisa, enquanto viva, de uma mão para afastar um pouco de seu desespero pelo seu destino [...]” (ARENDR, 2008, p.185), por outro, “[...] com sua outra mão ela pode anotar o que vê entre as ruínas, pois vê mais coisas, e diferentes, do que as outras; afinal, está morto durante sua vida e é o verdadeiro sobrevivente”. (ARENDR, 2008, p.185). Assim, é como “[...] alguém que se mantém à tona num naufrágio por subir no topo de um mastro que já se desmorona. Mas dali ele tem uma oportunidade de fazer sinais que levem à sua salvação”. (ARENDR, 2008, p.186).

Nesse sentido, pela compreensão dos regimes das “fábricas de morte” que marcaram, como nunca antes, um perfil histórico, onde a singularidade foi aniquilada e toda pluralidade dizimada, a fim de reificar a existência humana, se faz, como exercício político e ético, treinar a imaginação para sair em visita pelas *estórias* narradas, oferecendo a pluralidade das experiências singulares, e, desta forma, aproximam os que agem no agora, das condições de examinar, por várias perspectivas, um evento pelos mais diversos pontos de vista.

Então, “treinar a própria imaginação para sair em visita” consiste em uma metáfora que talvez mais se aproxime do “alargar” do pensamento. “Treinar” diz respeito aos *exercícios de imaginação*. Esses exercícios fazem parte, em grande

⁶ Análise inspirada pelo relato de Lafer (2007) como estudante, nos cursos oferecidos por Hannah Arendt, intitulados *Political experiences in the twentieth century*, apresentados na Universidade de Cornell, no ano de 1965, nos Estados Unidos, na intenção de entender o modelo narrativo utilizado pela pensadora.

medida, do empenho arendtiano de compreender as experiências vividas e os acontecimentos. [...] Para tanto, ela mesclou, na lista de leituras (de referências), textos “teóricos” e históricos com obras de literatura, poesia e memórias. (MORELLO, 2021, p. 105, grifos do autor).

Essa pluralidade sobre as experiências que, pela narrativa, chegam aos novos começos no mundo, e, “quanto mais posições de pessoas eu tiver presente em minha mente ao ponderar um dado problema e quanto melhor puder imaginar como eu sentiria e pensaria se estivesse em seu lugar”, maior e “mais forte” será a “capacidade de pensamento representativo e mais válidas” as conclusões finais, as opiniões, que pela narrativa são alcançadas (MORELLO, 2021, p. 105).

É essa capacidade de sair em visita “que habilita os homens a julgarem; como tal, ela foi descoberta por Kant na primeira parte de sua Crítica do Juízo, embora ele não reconhecesse as implicações políticas e morais de sua descoberta” (ARENDR, 2011, p. 299).

Por meio da narratividade, os exemplos e a ação política são revelados, contados, seja pela ficção ou biografia ou pela própria história. Por outro lado, para Arendt, a narrativa não só revelaria os exemplos, como também possibilitaria vivenciarmos experiências, experiências estas que seriam a base para a própria faculdade de pensar, como ela esclarece no prefácio de *Entre o passado e o futuro*. (RÜSCHE; MASCARO, 2015, p. 73).

Lafer (2007) relata que os cursos oferecidos por Arendt tratavam das experiências políticas do século XX por meio do que chamou de uma “biografia imaginária”. Ou seja, a conexão de vários elementos narrativos – biografias, poemas, ficções, documentos de que Arendt se utilizava – com a finalidade de se alcançar um evento, como o totalitarismo, por exemplo, pelos fragmentos que juntos tomam uma dimensão maior em sua compreensão que uma mera descrição historiográfica.

Uma biografia imaginária é a compreensão de um evento sob os mais diversos pontos de vista de alguém que não está à margem das coisas “apenas observando”, como também não é “a de um grande ator protagônico [embora este vá agir como se o fosse]”. (LAFER, 2007, p. 292). É, pois, a sensibilidade de um agente/paciente, revelado e revelador, capaz de traduzir um evento pelas múltiplas *estórias* na configuração do que se quer rememorar. Uma rememoração, não pela figura de um único ator protagonista, mas de vários personagens que compõem um perfil narrativo (LAFER, 2007, p. 292).

De acordo com Morello (2021, p. 95), “em direção semelhante interpreto como outro ‘tesouro perdido’, o que Milan Kundera nomeou de a herança depreciada de Cervantes em um ensaio de mesmo título”. Observa-se, a partir de Kundera (2021), que não somente Descartes inaugurou a Modernidade, mas Cervantes em seu romance traz as personagens que compõem a complexidade de um tempo que, na ficção narrativa, toma a dimensão não reducionista das proposições matemáticas ou técnicas, mas da pluralidade das figuras dramáticas.

Dom Quixote saiu de sua casa e não teve mais condições de reconhecer o mundo. Este, na ausência do Juiz supremo, surgiu subitamente numa temível ambiguidade; a única Verdade divina se decompôs em centenas de verdades relativas que os homens dividiram entre si. Assim, o mundo dos tempos modernos nasceu e, com ele, o romance, sua imagem e modelo (KUNDERA, 2016, p. 14).

Por essa sabedoria, compreendida por Kundera (2016) como “sabedoria da incerteza”, “manifestada e conservada pelo romance” (MORELLO, 2021, p. 97), na pluralidade dos eventos que se sucedem, “fez com que nem o mundo nem a vida dos homens fossem esquecidos, assim como proporcionou um novo modo de compreender e julgar os assuntos humanos, em sua ambiguidade, complexidade, incerteza, relatividade, contingência”. (MORELLO, 2021, p. 97). De tal modo, é por meio dessa sabedoria incerta que, diferente dos axiomas proposicionais reducionistas das técnicas científicas, se abre

“um saber que parte da realidade, que sempre pode ser diferente do que é, de uma realidade cambiante, que, em razão disso, exige que se repense e julgue novamente na manhã seguinte, tal como o fiar/tecer e desfilar/destecer de Penélope.” (MORELLO, 2021, p. 97).

Não podemos esquecer ainda que Hannah Arendt também gostava de contar histórias, como em seu livro *Homens em tempos sombrios* e na biografia de Rahel Varnhagen. Ela não diferenciava entre aqueles que fazem a história e aqueles que a sofrem, uma vez que a medida do juízo do historiador não seria o êxito histórico-político. Por isso, ela escolhe contar a história de Walter Benjamin, de Rosa Luxemburgo e não de Lênin, por exemplo. Para a Arendt narradora, contadora de histórias, haveria outra maneira de escrever a história diferente daquela que caracteriza a relação do historiador com os fatos. (RÜSCHE; MASCARO, 2015, p. 74).

Na interpretação de Lafer (2007), o vínculo entre pensamento e lembrança é, por assim dizer, a possibilidade de se trazer um evento pelos mais diversos pontos de vista, capazes de conduzir o interlocutor, agente e produtor de *estórias* a “fiar e a tecer” a pluralidade, pensando e repensado sob as perspectivas múltiplas encontradas na narrativa. Não estava, pois, na descrição dos fatos, como se apropria um historiador, mas nas experiências de vidas singulares que, por sua singularidade, trazem informações de que a historiografia tende a esquivar. Pode-se, assim, alcançar um evento com maior fidedignidade ao trazer, por exemplo, as *estórias* de Walter Benjamin ou de Rosa de Luxemburgo, a uma descrição historiográfica da Revolução Russa na figura de Lênin.

3 da dimensão narrativa À ação

“Qual seria então, na linha arendtiana, a razão pela qual alguém se dispõe a escrever uma biografia, ou seja, para começar etimologicamente, a propor por escrito uma vida?” (LAFER, 2008, p. 193). Ao lançar a pergunta sobre a disposição e a razão sobre o porquê de propor uma vida por escrito, o autor descreve que a “ação e o discurso são, de acordo com Hannah Arendt, os modos pelos quais os seres humanos se revelam uns aos outros na teia das relações intersubjetivas”. (LAFER, 2008, p. 193).

Com isso, procurava Arendt tornar manifesto o desajuste do conhecimento tradicional “e da forma de se atingir esse conhecimento, [...] instigando seus alunos a pensarem e julgarem sem um parâmetro preestabelecido”. (RÜSCHE; MASCARO, 2001, p. 75-76). Ainda de acordo com as autoras,

Hannah Arendt buscava selecionar textos que representassem a realidade em sentido amplo e que, simultaneamente, instigassem a imaginação criativa. No tratamento dos textos, ela procurava “presentificar” para os alunos os acontecimentos e as experiências que estes não poderiam ter vivenciado, estabelecendo conexões que em um primeiro momento não pareciam evidentes. Outro elemento importante de sua proposta era a ficção: os alunos deviam ter contato com muita ficção para que não recebessem a experiência nem em seu estado bruto, nem carregada de elaborações teóricas. (RÜSCHE, MASCARO, 201, p. 76).

Desse modo, “os alunos que ouviam Arendt – como uma *storytelling* – seriam convidados a ‘reviver’ os eventos do século XX, para narrá-los no lugar de outro” (LAFER, 2007, p. 296 - 297). Pela imaginação, é possível tornar presente a ausência das *estórias* plurais, que, frente a uma dimensão ética, podem compreender os dilemas das individualidades e do mundo que os seres humanos compartilham. Pela narr[at]ividade um saber é lançado aos assuntos humanos compartilhados no mundo comum, capaz de, sem deliberar um *telos* moral, permitir que a espontânea liberdade possa refletir através da singularidade plural de outras *estórias* de vida apreendidas.

Não obstante, essa mudança de julgamento, de juízo moral, não é um simples capricho senão porque a realidade exige. Se os assuntos humanos são cambiantes, contingentes, ambíguos, então se faz necessário um saber adequado a eles, um “saber do incerto”. Tal saber é proporcionado pelo romance, pelo contar *estórias* (*storytelling*). Com isso, escapa-se do perigo de querer controlar, dominar ou neutralizar o caráter de espontaneidade, de imprevisibilidade, de incerteza dos novos começos a partir de princípios e de padrões morais dados de antemão. (MORELLO, 2021, p. 97).

Sob as mais diversas narrativas apresentadas, cabe a quem são apresentadas, nas mais diversas perspectivas e pontos de vista, dada a irreversibilidade do que aconteceu e a imprevisibilidade do que virá, escolher narrar e agir do ponto de vista de tantos outros, bem como promover seus novos começos.

Nesse sentido, a atividade da compreensão é necessária; se jamais pode inspirar diretamente a luta ou fornecer objetivos que do contrário estariam ausentes, por outro lado pode, por si só, conferir-lhe sentido e produzir uma nova desenvoltura no espírito e no coração humanos, uma desenvoltura que provavelmente só será completa depois de vencida a batalha. (ARENDR, 2011, p. 41 - 42).

A partir disso, manter “o passado em sua dispersão é demarcar os acidentes e ínfimos desvios e mesmo inversões completas que lhe deram nascimento.” (MATOS, 2011, p. 94). Logo, o “ato mágico e místico de apropriação de acontecimentos de outras épocas e lugares (MATOS, 2011, p. 96). É a busca de um sentido infinito pela narrativa. Deste modo, reviver as *estórias* presentes nas narrativas, fenomenologicamente reveladas, por exemplo, é olhar para a vida de Eichmann, Lessing, Rosa de Luxemburgo, Renè Chair, Kafka, Walter Benjamim, entre outros, e tornar vivas as *estórias* que devem ser contadas, para que quem as recebe e promove a novidade alcance pela memória o que deve permanecer, ao mesmo tempo em que oferece a possibilidade de uma nova *estória* começar.

Considerações Finais

Nossa compreensão sobre narra[a]tividade se situa na perspectiva de que Arendt se utiliza para que, em oposição aos horrores do fenômeno caótico e aniquilador dos regimes totalitários – fim de toda ação (*action*) – possa ser convertida em ato criativo. Assim, buscamos compreender um possível distanciamento entre discurso e narrativa nas obras de Arendt.

Assim, se a ação e o discurso revelam o *quem* da ação que é em si momentâneo, efêmero e transitório, a narrativa se torna um modo onde a memória é preservada e permanece como uma carta aberta aos que chegam ao mundo e os convida a continuar escrevendo a grande *estória* plural das tramas das relações humanas. Com efeito, se a ação e o discurso se dão somente entre os outros, e sua característica efêmera deve ser entendida como sinônimo de liberdade da ação, a narrativa se torna uma ponte daquilo que, pela reconciliação, deseja-se, imprevisivelmente, tornar imortal.

Não obstante, sendo a narrativa a possibilidade de vivenciarmos as experiências plurais, as *estórias* das vidas singulares e sua exemplaridade se tornam um amparo para a ação. Ou seja, a narrativa torna-se impulsionadora e impulsionada pela ação. Deste modo, os nascimentos, tornados um fenômeno espontâneo pela liberdade que os começos promovem, iniciam-se em uma teia de relações que preexistem e, por tal motivo, as *estória* se enlaçam pelas experiências singulares que não podem ser esquecidas – dada a possibilidade almejada de renovação contínua –, no mesmo instante em que, entre seus iguais, tecem *estórias* que preservam a continuidade plural e política de quem nasce no e para o mundo político.

Contudo, não é a ação e o discurso um objeto fabricado como simples meio de atingir um fim, mas se revela no desvelamento fenomenológico do *quem*, na incerteza daquele que rompe o ciclo estável e se renova pelo novo que pode promover pelas teias das relações humanas que se estabelecem de modo preexistente, uma vez que, é na polissemia do mundo natural e do mundo subjetivo que as relações se formam na continuidade das *estórias*.

Com efeito, pela narrativa, uma dimensão fenomenológica é pensada em Hannah Arendt que, mesmo na iminência das *tempestades de areias*, torna-se um recurso da memória que preserva do tempo momentos espontâneos de cada ação revelada. Com efeito, se a ação e o discurso se dão somente entre os outros, e sua característica efêmera deve ser entendida como sinônimo de liberdade da ação, a narrativa se torna uma ponte daquilo que, pela reconciliação, deseja-se, imprevisivelmente, tornar imortal.

Na ausência de autores, os atores se tornam, eles mesmos, a possibilidade de narrativas que surgem continuamente, revelados pela transitoriedade do discurso, mantidas e preservadas, como nas *estórias* de Homero preservadas na mentalidade grega. As experiências individuais, materializadas por escritores, escultores, cineastas, roteiristas, biógrafos – que são, eles também, atores – reproduzem as *estórias* de outras ações em suas próprias *estórias*, apanhadas pelo pensamento e preservadas por sua imortalidade exemplar. Entre narrar e agir – narr[a]tividade – as *estórias* podem ser contadas, uma vez que, dada sua característica imortal, servem como referência para pensar as ações reveladas, sob a liberdade espontânea de novas *estórias* que podem e devem ser contadas.

Referências

- ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.
- ARENDDT, Hannah. *The Origins of Totalitarianism*. New York: Harcourt Brace Jovanovich, Publishers, 1973.
- _____. A dignidade da política: ensaios e conferências. Trad. Helena Martins. Rio de Janeiro: Relume - Dumará, 1993.
- _____. A vida do espírito: o Pensar, o Querer, o Julgar. 3. ed. Trad. Antonio Abranches; César Augusto R. de Almeida; Helena Martins. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.
- _____. Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- _____. Responsabilidade e julgamento. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- _____. Diário filosófico: 1950-1973. Trad. Raúl Gabás. Barcelona: Herder, 2006.
- _____. Homens em Tempos Sombrios. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- _____. Compreender. Ensaio; Franz Kafka, uma Reavaliação. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- _____. Entre o passado e o futuro. 6. ed. Trad. Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- _____. Origens do totalitarismo. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- _____. A promessa da política. Organização e introdução de Jerome Kohn; Trad. Pedro Jorgensen Jr. 5 ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2013.
- _____. A condição Humana. Tradução Roberto Taposo; revisão técnica e apresentação Adriano Correia. – 13. Ed. Ver. – [Reimpr.]. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2020.
- _____. Pensar sem corrimão: compreender 1953-1975 / Hannah Arendt; organização e apresentação Jerome Kohn; tradução: Beatriz Andreiuolo ... [et al.]. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.
- AGUIAR, Odilio Alves. Pensamento e narração em hannah Arendt. In____. Hannah Arendt: diálogos, reflexões, memórias / Eduardo Jardim de Moraes, Newton Bignotto, organizadores – Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001. p. 215-226.
- ASSY, Bethânia. Ética, responsabilidade e juízo em Hannah Arendt. 1. ed. São Paulo: Perspectiva; Instituto Noberto Bobbio, 2015.
- BIGNOTTO, Newton. Totalitarismo e liberdade no pensamento de Hannah Arendt. In____. Hannah Arendt: diálogos, reflexões, memórias / Eduardo Jardim de Moraes, Newton Bignotto, organizadores – Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001. p. 111-123.
- BRUEHL, Elisabeth, Y.-. "Hannah Arendt's Storytelling." *Social Research*, vol. 44, no. 1, 1977, pp. 183–90. JSTOR, <http://www.jstor.org/stable/40970279>. Acesso em 5 de setembro 2022.
- CORREIA, Adriano (coord). *Transpondo o abismo: Hannah Arendt entre a filosofia e a política*. SP: Forense, 2002.
- CRIVORNICA, Roberta. As narrativas da vida do espírito e educação em Hannah Arendt. 2017. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-05112018-160155/pt-br.php> Acesso em: 05 abr. 2022.

DI PIEGO, Anabella. *La revelación del quién en el mundo contemporáneo. Consideraciones a partir de las concepciones de Hannah Arendt y de Paul Ricoeur*. Revista de Filosofía y Teoría Política, 2012, nº 43, p. 45-78.

_____. *La identidad narrativa en Hannah Arendt: Una crítica de la interpretación de Paul Ricoeur*. En: Magalhaes de Almeida, Maria Zeneide C.; Baldino, José María; Guimaraes Furquim Camargo, Kenia. *Educacao & memórias. Narrativas e oralidades*. Goiânia : Editora Espaço Acadêmico. p. 19-23. En *Memória Acadêmica*. 2018. Disponível em: <https://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/libros/pm.675/pm.675.pdf>. Acesso em 28/01/2023.

DUARTE, André. Hannah Arendt entre Heidegger e Benjamin. In____. *Hannah Arendt: diálogos, reflexões, memórias / Eduardo Jardim de Moraes, Newton Bignotto, organizadores – Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001. p. 63-89.*

HILL, M. Walker. Sobre Hannah Arendt. Inquietude. Trad. Adriano Correia. Goiânia, v.1, n.2, p. 122-163, ago/dez., 2010. Disponível em: <https://www.anpof.org/periodicos/revista-inquietude-revista-dos-estudantes-de-filosofia-da-ufg/leitura/1064/29338> Acesso em: 26 out. 2022.

JARDIM, Eduardo. *Hannah Arendt: pensadora da crise e de um novo início / Eduardo Jardim. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.*

KUNDERA, Milan. *A arte do romance (ensaio)*. (trad. Teresa Bulhões C. da Fonseca e Vera Mourão). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

LAFER, Celso. *A Reconstrução dos Direitos Humanos: Um diálogo com o pensamento de Hannah Arendt*. 7 reimpressão, São Paulo: CIA das Letras, 1998.

_____. *Experiência, ação e narrativa: reflexões sobre um curso de Hannah Arendt*. 2007. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ea/a/WNYNFETHYL9FnwYkKdsXSQOn/?lang=pt#>. Acesso em 05 nov, 2022.

_____. *Posfácio Hannah Arendt: vida e obra*. In. *Homens em Tempos Sombrios*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998.

LOYOLA, Paulo Ricardo Gontijo. *O que estamos fazendo? Da atualidade de A Condição Humana, de Hannah Arendt*. 2009. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/796/1/Hannah%20Arendt%20conv.pdf> Acesso em: 09 ago. 2022.

MATOS, Olgária Chain Féres. *O storyteller e o flâneur – Hannah Arendt e Walter Benjamin*. In____. *Hannah Arendt: diálogos, reflexões, memórias / Eduardo Jardim de Moraes, Newton Bignotto, organizadores – Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001. p. 90-96.*

MONTI, Gil Moraes. *Compreensão e Política em Hannah Arendt / Gil Moraes Monti*. -- 2017. 113 f. Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Porto Alegre, BR-RS, 2017. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/172914> Acesso em: 08 fev. 2023.

MORELLO, E., & CORÁ, Elsio. (2018). *Recém-chegados, Apátridas e Refugiados: Os Modos de Aparecer do “Estranho” na Obra de Hannah Arendt (Newcomers, Stateless, and Refugees: Ways of Appearing of the “Stranger” in Hannah Arendt’s Work)*. *Critical Hermeneutics*, 2 (1), 81-104.

MORELLO, Eduardo. *Hannah Arendt: por uma ética dos começos / Eduardo Morello*. -- 2021. 148 f. Tese (Doutorado). – Universidade Federal de Santa Maria, Centro de ciências sociais e humanas, programa de pós-graduação em Filosofia. Santa Maria. BR-RS, 2021.

Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/23318> Acesso em: 05 jun. 2022.

NASCIMENTO, Carlos Eduardo Gomes. Hannah Arendt: uma narradora entre o passado e o futuro. Princípios. Revista da filosofia. Natal, v. 25, n. 48 set.-dez. 2018, p. 281-306.

PORCEL, Beatriz y MARTÍN, Lucas. Vocabulario Arendt / Valerie Gerard ... [et al.]; compilado por Beatriz Porcel; Lucas Martin. _ Ia ed. - Rosario: Homo Sapiens Ediciones, 2016.

SCHIO, Sonia Maria. Hannah Arendt: História e Liberdade (da Ação à Reflexão). Porto Alegre: Clarinete, 2012.

_____. A atualidade do pensamento político de Hannah Arendt. Temas de filosofia política contemporânea [recurso eletrônico] / organizadores Keberson Bresolin, Evandro Barbosa. – Caxias do Sul, RS: Educs, 2017.

Doutorando em Educação (UFSC)
E-mail: professorluizmatias@gmail.com

Doutor em Filosofia (PUCRS)
Professor do Departamento de Filosofia (UEFS-Chapecó, SC)
E-mail: cora@uffs.edu.br